

O Ensino da Videoreportagem no Contexto do Jornalismo Multimídia: Exemplos e Práticas em Atividades Acadêmicas¹

Rômulo Assunção ARAÚJO²

Centro Universitário do Norte (UniNorte/Laureate), Manaus, AM

Resumo

O avanço das tecnologias mudou a forma de se comunicar e também o cenário do ensino da comunicação. Antes, por exemplo, no jornalismo de televisão, era necessária uma equipe com pelo menos três profissionais em externa para se produzir uma reportagem: o repórter, o cinegrafista e o auxiliar. Hoje (na verdade, no Brasil, desde 1987), um único profissional é capaz de levar a informação verbal e imagética para o público, sobretudo nos ambientes digitais. É nesse ponto que este trabalho vem contribuir com experiências e práticas da videoreportagem no ensino do jornalismo multimídia, visto que o perfil atual de profissionais da área é de quem se envolve cada vez mais com todo processo de produção de conteúdos informativos, desde a pauta à veiculação e/ou publicação, e a videoreportagem é um formato que permeia os diferentes gêneros jornalísticos.

Palavras-Chave: comunicação; jornalismo multimídia; videoreportagem; gêneros;

Introdução

Não faz muito tempo que escolher cursar uma faculdade de jornalismo poderia significar escrever e escrever muito. Estudava-se exaustivamente a Língua Portuguesa, Técnicas de Redação, Tipos de Lides, Escrita para Impresso, Rádio, Televisão e Internet, além de outras disciplinas teóricas obrigatórias. No caso da internet, com seus primeiros desapegos do modelo de apenas transpor, para o recém-chegado meio, o texto da mídia impressa. Isso mudou, acrescentando-se aí os múltiplos conhecimentos técnicos e criativos que o mercado da Comunicação exige, atualmente.

Uma dessas recentes exigências é fruto de um *formato* que surgiu no Brasil no fim da década de 1980, conforme será relatado a seguir, e que ganhou espaço com o surgimento, avanço e barateamento de câmeras, computadores e outros recursos tecnológicos, como o próprio smartphone. Trata-se da videoreportagem, que tornou-se

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário do Norte (UniNorte/Laureate). Especialista em Design, Comunicação e Multimídia pela Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi) e em Jornalismo Científico em Saúde e Ambiente na Amazônia pelo Instituto Leônidas e Maria Deane (ILMD/Fiocruz Amazônia). E-mail: romulo.ara@gmail.com.

uma maneira rápida e eficaz, em meio a muitas discussões sobre sua aceitação, de se produzir conteúdo jornalístico audiovisual tanto para a televisão quanto para a internet.

Tal possibilidade passou a ser mais aceitável no mercado e deixou de ser um tema pouco explorado em pesquisas. O modelo é realidade diária em equipes de redação de jornais e até mesmo em Assessorias de Comunicação e Imprensa, que produzem conteúdos informativos. Além disso, nestas duas primeiras décadas do século XXI, a videorreportagem virou objeto de estudo em trabalhos de conclusão de curso, dissertações e artigos, apontando uma atenção ampliada para o tema tanto na prática, quanto na teoria.

Diante disso, este artigo vem discutir se a videorreportagem configura-se como um importante instrumento para ensinar e entender o jornalismo multimídia para aqueles que ingressam na graduação de Jornalismo e já chegam, inevitavelmente, com noções de produção e um alto consumo de vídeos, potencializado a partir das convergências tecnológicas e do crescimento dos meios de comunicação.

Para isso, serão usados três exemplos de atividades acadêmicas desenvolvidas no curso de Jornalismo do Centro Universitário do Norte (UniNorte/Laureate), que apresentaram como resultados videorreportagens desenvolvidas pelo professor que assina este artigo e que levou sua experiência como videorrepórter e pesquisador da área para os alunos do curso pelo qual se formou e do qual é, hoje, um dos professores.

Ademais, este estudo também tem a pretensão de inspirar outros professores e faculdades para maior adesão do formato para que possa, não apenas servir para uma maneira pontual de produção, mas também como objeto de pesquisas em múltiplos campos, já que a videorreportagem pode ser utilizada em diferentes gêneros jornalísticos.

O jornalismo multimídia

Mais que reunir informações e transformá-las em relatos sintetizados e contextualizados a partir de fontes diversas, para então levá-las ao público, o jornalismo contemporâneo pressupõe conhecimento de técnicas que corroborem para as múltiplas possibilidades de se formatar uma notícia. Os avanços tecnológicos trouxeram mudanças irreversíveis à rotina de redações e equipes que produzem conteúdos informativos.

Com a convergência das mídias, mudam os processos de produção de conteúdo; isto é, modifica-se o trabalho na nossa boa e velha redação. As redações são multimídias, produzem matérias para várias mídias, simultaneamente. O mesmo repórter apura, produz, capta e gera as notícias em vários formatos, para TV,

rádio, sites de jornalismo na Internet, jornal diário, revistas semanais. (PATERNOSTRO, 2006, p. 69)

Mesmo já com o cenário favorável, as possibilidades do jornalismo multimídia, embora não tão recentes, mas igualmente presentes no mercado e no preparo de futuros profissionais, eram vistas mais como uma forma de contenção econômica e exploração profissional do que como uma forma de inovação a partir dos avanços dos equipamentos e tecnologias. O assunto já era tema de previsão no começo do século que mudaria em definitivo a forma de produção, consumo e distribuição de conteúdos.

O jornalista do futuro será uma espécie de MacGyver. Homem dos mil e um recursos, trabalha sozinho, equipado com uma câmera de vídeo digital, telefone satélite, laptop com software de edição de vídeo e html, e ligação sem fios à internet. *One man show*, será capaz de produzir e editar notícias para vários media: a televisão, um jornal impresso, o site da empresa na internet, e ainda áudio para a estação de rádio do grupo. Esta é pelo menos a visão dos entusiastas da convergência, o supereficiente jornalista multimídia que revoluciona a produção e transmissão de notícias do futuro, e de que já haverá alguns exemplares no mercado. Que apaixona alguns, mas atemoriza muitos mais. (GRANDIM, 2003, p. 117)

Se por um lado esse profissional MacGyver se multiplicou e passou a ser o perfil exigido em redações e empresas que produzem conteúdos jornalísticos e informativos, é importante ressaltar que isso não anula (ou pelo menos não deve) seu preparo humanístico e intelectual. Um jornalista multimídia é reconhecido não apenas pela sua capacidade técnica, mas sobretudo pela sua postura ética diante dos desafios e situações que a profissão impõe, estando ou não com uma câmera na mão.

O perfil exigido pelo mercado aponta claramente para uma competência técnica que possibilite tanto o domínio de diferentes linguagens (impressa, audiovisual e digital) como o uso de plataformas on-line para a publicação de matérias em formato multimídia. Por outro lado, uma melhor preparação intelectual também é necessária. (JORGE et al., 2009, p. 86)

Logo, há um dual desafio no preparo de novos jornalistas. Além do domínio e entendimento de uma boa redação, do chamado “faro jornalístico” e do conhecimento técnico e intelectual, os mesmos devem aproveitar o momento de facilidade tecnológica para produzir materiais que explorem o lado social dos locais onde moram. Para isso, a fórmula da videoreportagem configura-se como um campo fértil e sólido para exploração dessa possibilidade mais presente no jornalismo multimídia.

Afinal, o que é videoreportagem?

Produzir conteúdo audiovisual, a partir de uma única pessoa, não é exatamente uma novidade recente. Já no começo do século XX, Dziga Vertov (como ficou conhecido Denis Kaufman), percorreu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) registrando as agitações do cenário político-social da região. No mesmo período, no Amazonas, Silvino Santos registrava o cotidiano da cidade de Manaus com sua câmera. Ambas experiências, embora não jornalísticas, servem de analogias para o formato que tem como premissa uma ideia na cabeça (ou melhor, uma pauta) e uma câmera na mão, como a frase cunhada por outro importante personagem do cinema, Glauber Rocha.

Campo comum entre o cinema e documentário, a videoreportagem não se refere apenas a uma matéria jornalística produzida com o auxílio de recurso audiovisual, mas apresenta-se como uma quebra de paradigma que teve como aliado o avanço das tecnologias e profissionais com conhecimentos e práticas em mais de um campo. Aos poucos, essa função foi sendo introduzida no jornalismo de televisão e internet.

O videorepórter, por essência, é o jornalista que trabalha sozinho em campo, utilizando uma câmera de vídeo para fazer as próprias imagens e produzir a matéria. Embora inicialmente tenha aparecido no meio televisivo, com os avanços tecnológicos e o desenvolvimento da Internet, esse profissional pode ser apresentado hoje como a forma mais eficiente de criar conteúdo multimídia. Com o crescente uso da banda larga, ele pode contribuir muito para transformar a produção de vídeo para a web, baratear esse custo e aumentar a disponibilidade de conteúdo multimídia e o hábito dos internautas consumirem esse tipo de informação intrínseca da internet. (CASTILHO, 2004, p. 03)

Ainda segundo Castilho (2004), o formato também é apresentado como videojornalismo, estando a diferença no domínio dos processos. O videojornalista é um profissional com mais preparo não somente técnico, mas intelectual. Logo, potencialmente, qualquer pessoa que porta uma câmera na mão poderia “videoreportar” uma situação, mas os critérios e técnicas para a melhor formatação do produto estaria a cargo do jornalista.

A nova linguagem permite que o repórter se envolva na história que acompanha. Ele se torna uma testemunha dos acontecimentos, que grava em câmeras digitais leves mas com qualidade para serem reproduzidas nas TVs. O repórter acaba virando personagem, na medida em que contextualiza as imagens gravadas. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 74)

Fato é que tanto o videorrepórter quanto o videojornalista são profissionais com características que o diferenciam no mercado, como destaca Thomaz (2007), ao apontar que “o videorrepórter atende a uma das grandes exigências do mercado do século XXI: é multifuncional”. Isso possibilitou também que, além de pequenas produções, esse profissional produzisse documentários, por exemplo.

O que difere, essencialmente, as videorreportagens documentais de uma grande reportagem ou um documentário produzido por uma equipe é, basicamente, o profissional autoral que trabalha sozinho desde a pré-produção do filme, até a sua finalização (não necessariamente sozinho em todas estas etapas, mas, principalmente, na captação do material e realização de entrevistas). (THOMÉ, 2011, p. 26)

Esse conceito de um profissional produzindo sozinho seu próprio material audiovisual surge nos anos 1970, a partir das produções de John Alpert, fundador da DCTV (Downtown Community Television Center), e ganhador de prêmios com seus documentários independentes. No Brasil, apenas em 1987, o formato surge na TV por meio do programa Tv Mix, da TV Gazeta, dirigido por Fernando Meirelles. Uma das características das produções era o uso do plano sequência, ou seja, gravação sem cortes, que chegavam prontas para veicular. Após este experimento, os “repórteres-abelhas” (um comparativo com a agilidade do inseto) foram adotados por outras emissoras.

Nomes como Renata Falzoni, Marcelo Guedes, Júlio Wainer, Aldo Quiroga, Paulo Castilho, Luís Nachbin, Carol Thomé e tantos outros ainda são referências pelos trabalhos e envolvimento com a videorreportagem. O modelo com maior visibilidade, atualmente, no jornalismo está no *Profissão Repórter*, comandado pelo jornalista Caco Barcellos e sua equipe de jovens repórteres. Segundo Caio Cavechini (2016, p. 38), ao descrever a produção sobre “Os últimos cortadores de cana” no livro que apresenta grandes cobertura e aventuras nos dez anos do programa, Caco ficou entusiasmado com a videorreportagem.

Acostumado com estruturas globais de captação, com câmeras grandes, kits de luz, operadores de áudio, e viaturas imponentes, era talvez, uma saborosa transgressão trabalhar com um jovem que precisava apenas de uma garupa e uma câmera na mão. A câmera que, aliás, era dele mesmo.

O ponto de vista de quem pensa, produz e divulga o formato para televisão e internet é algo já explorado por Araújo (2013), em artigo [publicado no GP de Telejornalismo](#) do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,

especialmente no Amazonas e sua capital, Manaus. Entre as experiências iniciais com a videorreportagem no maior Estado brasileiro em termos de dimensões territoriais estão a das empresas Rede Amazônica de Rádio e Televisão, com o canal temático Amazon Sat e a TV Amazonas (filial da Rede Globo), e da Rede Diário de Comunicação, com o portal de notícias D24am.com.

No Telejornalismo, segundo o Gerente de Jornalismo da Rede Amazônica, Luís Augusto Pires Batista, em entrevista à Araújo (2013), a presença de um videorrepórter em municípios do interior do Amazonas “foi muito importante na resolução dos problemas dessas comunidades com uma maior rapidez” e da inserção dessas cidades no contexto do jornalismo local e nacional. Já o portal de notícias D24am, lançado em 2011, época em que a banda larga de internet começava a crescer na capital, bem como o uso de conexões 2G/3G para mídias móveis, de acordo com Marques (2016), “apresentou a primeira equipe de videorrepórteres, em noticioso, que estabeleceu uma cadeia de produção frequente e estabeleceu maior agilidade e protagonismo do formato na capital.”, fato que gerou possibilidade de trabalhos em outras mídias que adotaram a função.

A partir desses fatores, a disseminação de conteúdo em forma de videorreportagem ganhou ainda mais notoriedade e destaque, além de ser encarada como uma necessidade em ocasiões específicas em que uma equipe precisaria de muitos recursos e integrantes para fazer o trabalho. Fato que gera ainda discussão em quem vê como precariedade e supressão financeira e trabalhista o modelo. Mesmo que essa tenha sido a justificativa para tal implantação no Brasil, quem pratica afirma que a videorreportagem é apenas um dos tópicos que cresceu em meio a uma “crise de identidade na forma de se fazer comunicação”, como afirmou o jornalista, gestor e criador do portal D24am.com, Márcio Noronha, em entrevista ao documentário de Araújo (2013). Em complemento, o jornalista e repórter cinematográfico da Rede Amazônica e Globo, Orlando Júnior, autor daquela que é considerada a primeira experiência oficial de videorreportagem no Amazonas, quiçá na Amazônica, conforme Araújo (2013) e Marques (2016), a adaptação às novas tecnologias “não quer dizer que eu sendo um videorrepórter, vou estar tirando o emprego de um editor de imagens, de um auxiliar ou até mesmo de um jornalista”.

Contudo, além dos avanços tecnológicos e do uso do formato por alguns veículos de comunicação de massa e especializada, pode-se atribuir esse reconhecimento da videorreportagem, principalmente na web, à plataforma de vídeos YouTube, lançada em

junho de 2005, que possibilitou que qualquer pessoa com acesso à internet produzisse conteúdo audiovisual e publicasse. Para Burgess e Green (2009, p. 21), a plataforma faz com que o conteúdo publicado atraia novos participantes e audiências. Entretanto, esse meio ainda necessita que estudos e práticas acerca sejam mais incentivadas e difundidas, principalmente como formato que não pertence a apenas um gênero jornalístico.

No Brasil, Thomaz e Machado Filho (2008) propõem uma reflexão acerca das possibilidades e tendências de novos formatos telejornalísticos - com ênfase para a videorreportagem, que ganham força e espaço em plataformas diversas possibilitadas pela convergência digital. Para os autores, a videorreportagem é um *formato* que pode ser utilizado nos diferentes gêneros jornalísticos, considerando o conceito de gênero jornalístico de José Marques de Melo (1985), que o classifica em quatro categorias: informativo, interpretativo, opinativo e diversional. No gênero informativo estariam presentes os formatos nota, matéria, reportagem, entrevista e serviço. No gênero opinativo, os formatos são artigo, editorial, crônica, comentário, resenha, coluna, caricatura, carta. O gênero interpretativo seria composto pelo perfil, enquete, análise, dossiê, cronologia e gráfico, e o gênero diversional, engloba as histórias de interesse humano. (SILVA, 2010, p. 64)

Para que o entendimento dos fenômenos e acompanhamentos do campo da videorreportagem possam ser melhor explorados e compreendidos, tanto no ambiente acadêmico quanto mercadológico, é importante despertar o interesse em quem está chegando e até mesmo nos que já estão nessa viagem longa pelo universo da comunicação e suas amplas possibilidades. Mais que uma mera forma de produção audiovisual jornalística, a mesma pode ser usada como exemplo para compreensão prática do jornalismo multimídia, conforme explorado até aqui e nos exemplos a seguir.

Aplicações teóricas e práticas

No âmbito da sala de aula de uma faculdade de jornalismo em plena era da tecnologia portátil, é necessário compreender que o ensino tradicional da produção audiovisual em jornalismo (com uma equipe e todos os recursos necessários) pode ser incoerente com o que acontece no mercado. Afinal, não é exagero dizer que a presença de smartphones em coberturas coletivas se iguala ou supera o número de grandes equipamentos para o mesmo fim. Ao passo que o que importa é a informação ser registrada e chegar até o espectador, independente da plataforma.

Por isso, a partir da experiência de um professor como videorrepórter, alunos passaram a enxergar como válida a possibilidade do uso da videorreportagem para

produção de conteúdo multimídia. Além do ensino teórico do tema, com conceitos, modelos e aplicações, a prática foi realizada diversas vezes em sala e fora dela para que todos vissem que é possível sim uma equipe de um, em determinadas situações, registrando e viabilizando conteúdos audiovisuais, conforme os seguintes exemplos:

- **Elaíze Farias visita alunos de Jornalismo**: Esta videoreportagem mostra mais um encontro entre profissionais e estudantes, quando as turmas do terceiro e quinto período de jornalismo receberam a visita da jornalista Elaíze Farias, uma das idealizadoras do site Amazônia Real. Ela compartilhou com os futuros profissionais os desafios da profissão, principalmente, na região amazônica. Na ocasião, o professor (que assina a produção) filmou o encontro com seu smartphone, gravou depoimentos e editou na aula seguinte, junto com os alunos. Aqui, é importante atentar para a presença de off (texto gravado pelo repórter) e trechos que designam o ponto de vista de todos os envolvidos da história: alunos, professor, coordenação e a convidada. A edição foi feita parte no smartphone (com auxílio do aplicativo iMovie, disponível na plataforma iOS) e parte no notebook com software profissional para edição de imagens (Sony Vegas). Destaca-se também o uso de trilha, como suporte ao texto produzido e gravado. Este modelo segue o padrão ainda adotado no telejornalismo, com cenas de apoio gravadas previamente, depoimentos em vídeo e escrita com locução, com diferenças sutis como a ausência de passagem (momento em que o repórter aparece em frente à câmera) e a fala dos personagens diretamente para quem filma. O material foi recebido com surpresa e entusiasmo pelos alunos, uma vez que não estavam acostumados a ver todo o processo de produção em pouco tempo feito por uma única pessoa, e nas redes sociais, que antes repercutiam esse tipo de encontro só com fotos e texto. Com pouco recurso, ainda no dia do encontro, alguns alunos arriscaram seguir o modelo como exercício de fixação.



Figura 1. Elaíze em depoimento.



Figura 2. Elaíze atende alunos.

- **Alunos de jornalismo visitam Rede Diário de Comunicação:** A convite do professor, alunos do terceiro período de jornalismo visitaram a redação da Rede Diário de Comunicação. Recebidos pelos jornalistas Arnaldo Santos e Dante Graça (então gerentes de jornalismo da TV Diário/Record News Manaus e do portal D24am.com, respectivamente), os futuros profissionais conheceram a rotina do trabalho de produzir conteúdos para mais de uma mídia. A videorreportagem, também assinada pelo professor, apresenta como diferencial o uso de passagem para informar que o repórter-professor estava levando os alunos em uma de suas casas profissionais, local onde o mesmo trabalhou na primeira equipe de videorrepórteres do então recém-lançado portal de notícias, que contribuiu para o crescimento da demanda de profissionais (na maioria, ainda estudantes) nesta função em outras equipes de comunicação. Além do uso de trilha, mas da ausência de off, também destacam-se como diferenciais: a maior inserção de imagens de apoio para ajudar contar a história de forma apenas visual e não verbal, por meio do ambiente e das ações registradas; a valorização dos depoimentos dos envolvidos; e a postura dos alunos em registrar detalhes do encontro visto que, desta vez, estavam produzindo videorreportagens como exercício avaliativo. O material foi filmado e editado integralmente no smartphone (com auxílio do aplicativo iMovie) e publicado após a entrega dos trabalhos dos estudantes, para que não influenciassem suas edições. Além de inspirar a missão dos alunos, a produção desta buscou servir de modelo teórico-prático do exercício do jornalismo multimídia e do elo entre mercado e academia.



Figura 3. Passagem do videorrepórter.



Figura 4. Alunos exercitam a filmagem.

- **Alunos de jornalismo visitam Rádio Difusora:** Nesta videorreportagem, a linguagem verbal aliada às imagens de apresentação é mais direta, um pouco mais próximo do modelo de um curto documentário. Na ocasião, alunos do então terceiro

período de Jornalismo e também do quinto visitaram a Rádio Difusora e os estúdios da Band News FM Amazonas, a convite da jornalista Larissa Balieiro por meio do professor Rômulo Araújo, que mais uma vez assina a produção. Os acadêmicos participaram do programa “Estação 96”, do jornalista e radialista Geraldo Campelo. A videorreportagem tem 1m45s, mas está seguida no mesmo vídeo da participação ao vivo de todos na emissora, parte essa filmada e disponibilizada pela jornalista anfitriã da casa. Além da ausência de off e também da presença de trilha, o material produzido e editado completamente no smartphone (iMovie) é narrado somente pelos personagens que, com o auxílio de imagens, ajudam a construir a história a partir dos próprios envolvidos e do olhar de quem registrou e também se envolveu. Aqui, a visita e a produção não eram avaliativas, mas de reconhecimento, já que a equipe do terceiro período foi vencedora de um desafio em sala que propunha levar ao ar na emissora a melhor reportagem de rádio. Similar foi o motivo da equipe do quinto período, mas com o acréscimo de terem levado a experiência da reportagem e veiculação ao Intercom Norte 2018 e conquistarem o prêmio na modalidade Reportagem em radiojornalismo (avulso), orientados também por este professor, e representante da região nesta edição nacional do encontro. Logo, o vídeo repercutiu mais nas redes sociais que em sala, mas sem deixar de lado o envolvimento dos alunos com o mercado por meio da videorreportagem.



Figura 5. Alunos e apresentador ao vivo.



Figura 6. Larissa apresenta a emissora.

Metodologias, análises e orientações para produção

Como visto, não é preciso tantos meios para produzir uma videorreportagem, atualmente. No caso dos três exemplos anteriores, todos foram feitos com um smartphone, aproveitando a boa qualidade da câmera, bem como seus recursos de iluminação e o fone que também serve de microfone. Um dos diferenciais em questão, além da técnica, é

conhecer a linguagem da estética da imagem com uma qualidade minimamente aceitável e do objetivo retratado no vídeo para compor uma narrativa harmônica.

Ao se produzir uma videoreportagem, bem como repassar o conhecimento adiante, são importantes os questionamentos: qual a intenção do conteúdo? Que equipamentos e recursos disponho? (para gravação e edição) Qual modelo adoto? (texto para off? Somente personagens e trilhas? Passagem?) Para qual público é endereçado? Como será veiculada? São perguntas que contribuem, inicialmente, na produção.

Outro fator importante, segundo Thomé (2011, p. 31), é gravar com “cabeça de editor”, ou seja, ter em mente um roteiro pré-definido sobre quais imagens e entrevistas serão necessárias para se compor o vídeo. Entrevistas curtas, por exemplo, e com o personagem em um dos lados no quadro contribuem para equilibrar a imagem entre quem fala e o ambiente em que está, bem como o crédito de seu nome na tela (ver figura 1).

Nas figuras 2 e 5, além do uso como imagem de apoio à fala (tanto do personagem quanto do off), há o uso de caracteres que indicam o autor da produção e a data e tipo de atividade. Já nas imagens 4 e 6, há somente o quadro de apoio, mas é possível observar uma harmonia e equilíbrio na composição das cenas. A figura 3, por sua vez, é o momento que o autor da produção aparece justificando seu envolvimento com o fato narrado.

É importante, portanto, conhecer o mínimo sobre tipos de enquadramentos como uso de imagens planos mais abertos (ou gerais, mostrando o ambiente), médios (mostrando as pessoas e suas relações com o meio) e fechados ou closes (com detalhes que dão um toque especial à produção). Cada imagem ajuda a contar a história a partir de um determinado ponto de vista.

Por fim, o que escrever ou falar para o vídeo. A redundância na relação texto e imagem pode ajudar a reforçar uma mensagem, mas também pode ser interpretada como falta de conteúdo. Por isso, é importante unir falas e cenas que sejam complementares entre si, valorizando-se assim o ponto de vista de quem pensou, produziu e divulgou a videoreportagem em questão.

Considerações

No curso de jornalismo, a videoreportagem aplicada em atividades distintas como bate-papos com convidados e visitas em meios de comunicação vem despertando um interesse maior nos universitários em entender e praticar mais uma das formas de se produzir conteúdo multimídia. Prova disso, conforme mencionado neste artigo, é o

envolvimento dos mesmos nas atividades e nas produções, algo que pode também ser estudado e reavaliado a posteriori.

O ensino em questão contribui, aliando métodos práticos e teóricos, para que um campo em ascensão ganhe ainda mais adeptos e estudiosos. A videorreportagem como formato de gêneros jornalísticos diversos e tendo modelos variados também é algo que merece maior atenção por parte de professores, pesquisadores e dos próprios praticantes dessa área presente no Brasil já há três décadas, mas que por muitos ainda é vista com um olhar de desconfiança.

O modelo já é adotado, por exemplo, em equipes de comunicação organizacional e assessorias de comunicação e imprensa que viram no modelo uma forma de produzir conteúdo com menor custo sim, mas com uma linguagem diferenciada que dialoga diretamente com as pessoas. Outro ponto é o uso do formato para transmissões ao vivo (lives), cada vez mais em expansão no jornalismo online, além da própria possibilidade de levar ao conhecimento estadual e nacional fatos de municípios que antes não contavam com coberturas, algo que já independe apenas do jornalismo, já que é cada vez mais crescente o acesso à internet e smartphones. E isso já é observado e se reflete na programação de grandes emissoras, como a própria Globo, e o quadro “O Brasil Que Eu Quero”, usando a técnica do vídeo selfie antes exclusiva da videorreportagem.

Todos os fatos acima anseiam por estudos entre discentes, docentes, pesquisadores e praticantes do mercado, dos recém-chegados aos mais antigos que se adaptaram às novas tecnologias e possibilidades de construir uma notícia a partir do olhar jornalístico, multimídia e diferenciado que a videorreportagem proporciona não apenas para empresas e órgãos, mas para a possibilidade de produções no empreendedorismo e em *freelancers*. O formato, antes tido como experimental e jornalístico, agora apresenta-se como consolidado e multigêneros quando se refere ao vasto campo da comunicação.

Referências

ARAÚJO, Rômulo. Elaíze Farias visita alunos de Jornalismo | UniNorte/Laureate. 2016. (2m15s). Disponível em: <https://youtu.be/yYsxIqgD2XY>. Acesso: 10/07/2018 às 23h.

ARAÚJO, Rômulo. Alunos de jornalismo visitam Rede Diário de Comunicação. 2016. (2m53s). Disponível em: <https://youtu.be/GC8AV0uTT80>. Acesso: 10/07/2018 às 22h.

ARAÚJO, Rômulo. Alunos de jornalismo visitam Rádio Difusora. 2018. (8m30s). Disponível em: https://youtu.be/udhLWg00_oA. Acesso: 10/07/2018. 22h30.

ARAÚJO, Rômulo. Caminhos da videorreportagem no Amazonas: O ponto de vista de quem pensa, produz e divulga. Trabalho apresentado na Intercom, 2013. Disponível no link: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1847-1.pdf>. Acesso em 10/07/2018 às 20h30.

ARAÚJO, Rômulo. Documentário: Caminhos da Videorreportagem no Amazonas. 2013. Disponível no link: <https://vimeo.com/78443517>. Acesso em 22/07/2018 às 14h45.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARCELLOS, Caco. Profissão Repórter 10 anos: Grandes Aventuras, Grandes Coberturas. 1ª Edição. Editora Planeta. São Paulo, 2016.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a revolução digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. Com textos de Henry Jenkins e Jonh Harley; tradução Ricardo Giassetti. São Paulo. Aleph, 2009.

CASTILHO, Paulo. A Videorreportagem como forma de popularizar a produção e o consumo de conteúdo multimídia na Internet. Trabalho apresentado no V Congresso Ibero-americano de Periodismo em Internet, 2004.

GRANDIM, Anabela. O jornalista multimídia do século XXI: Informação e Comunicação Online 1, Projeto Akademia, p. 117-134, 2003.

JORGE, Thaís. M; PEREIRA, Fábio H; ADGHIRNI, Zélia L. Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/universidade/mercado. In: RODRIGUES, Carla (organização). Jornalismo On-line: modos de fazer. Ed. PUC-Rio: Editora Sulina. Rio de Janeiro, 2009

MARQUES, Isabelle. A Evolução do Ciberjornalismo no Amazonas: Estudo de Caso das Videorreportagens publicadas nos Portais D24am e A Crítica, entre 2011 e 2016. Trabalho apresentado na Intercom, 2017. Acesso em: 22/07/2018 às 13h15. Disponível no link: <http://portalintercom.org.br/anais/norte2017/resumos/R54-0607-1.pdf>.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na Tv: manual de telejornalismo. 2. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, K. A. Videorreportagem em três estilos: Análise de um subgênero em formação. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2010.

THOMAZ, Patrícia. A composição da obra autoral e a experimentação da linguagem telejornalística na videorreportagem. Trabalho apresentado na Intercom, 2007. Disponível no link: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0239-1.pdf> Acesso em 10/07/2018 às 09h30.

THOMÉ, Carol. Videorreportagem: A arte de produzir além do Telejornalismo. São Paulo. All Print Editora, 2011.